

OS PENITENTES DO GENEZARÉ E O PODER PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE ASSARÉ – CE (2005 AOS DIAS ATUAIS): DIÁLOGOS E SENSIBILIDADES

CÍCERO DA SILVA OLIVEIRA¹

Resumo: Neste artigo propõe-se uma reflexão acerca das relações entre a Irmandade de Penitentes autoflagelantes da Vila do Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense, extremo sul do Estado, e o Poder Público Municipal através da participação do grupo religioso em atividades promovidas pela Secretaria Municipal da Cultura entre o ano de 2005 e os dias atuais. Fazendo uso de entrevistas com os membros da Irmandade e com gestores municipais, além de observar as formas de atuação do grupo nos eventos referidos, pode ser notado que a adoção de novos espaços antes improváveis aos penitentes sugere a adequação dos seus rituais a novas exigências sem, contudo, revelar a plena aceitação do que impõe os gestores culturais do município. Em meio a negociações, por vezes, tensas, os penitentes experimentam a visibilidade julgada por eles essencial para que o grupo permaneça em atividade e constroem representações de si, interpretando o passado a partir das questões presentes e falando do presente a partir de algumas leituras que fazem do passado, vivenciando tensões comuns a outras irmandades de penitentes caririenses.

Palavras-chave: Penitentes; Poder Público; Sensibilidades.

INTRODUÇÃO

No ano de 1951 chegava ao município de Assaré, no Cariri cearense, extremo sul do Estado, a família Duarte que trocou a antiga propriedade rural da família no município também cearense de Lavras da Mangabeira por terras agricultáveis em maior quantidade em paragens assarenses. Camilo Duarte era o líder, denominado decurião, de uma irmandade de penitentes autoflagelantes no seu município de origem e juntamente com seu irmão Quinco Duarte organizou com outros familiares um grupo de penitentes no Sítio Cacimba do Mel, a nova propriedade da família no município de Assaré.

Ao final da mesma década de 1950, chegava também em Assaré, mais precisamente no Sítio denominado Lama, José Pinheiro de Moraes, conhecido como Deca Pinheiro, à época um jovem penitente da zona rural do município do Cedro, Estado do Ceará. Dessa forma,

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará (Uece) em nível de Mestrado na Área de Concentração História e Culturas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciado em História e Especialista em História do Brasil, ambos pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Correio eletrônico: cg.cicero@uece.br

outra irmandade de penitentes foi organizada em terras assareenses, ambas no lugar denominado Infincado, posteriormente conhecido como Genezaré, hoje uma pequena vila localizada a 24 km (vinte e quatro quilômetros) da sede do município. Às irmandades da Cacimba do Mel, da família Duarte, e do Sítio Lama, de Deca Pinheiro, liderada pelo decurião Vicente Cazeca, acrescente-se outra formada pelos penitentes residentes na localidade Serra dos Carlos, também nas imediações do Infincado.

Nos anos 1990, dos antigos penitentes do Genezaré restava apenas um pequeno grupo de menos de uma dezena de homens formado pelos descendentes de Camilo e Quinco Duarte, naqueles dias já falecidos, que convidaram para liderar o grupo Deca Pinheiro, o único remanescente da primeira irmandade de penitentes do Sítio Lama. A irmandade da Serra dos Carlos já não mais existia.

Consta do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 os primeiros contatos entre os remanescentes dos penitentes do Genezaré, organizados sob o título de Irmandade de Nossa Senhora, e o governo público municipal através da Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Turismo e Desporto.

Neste artigo, é proposta uma reflexão acerca das relações entre os penitentes do Genezaré e a gestão pública municipal através das ações desenvolvidas pela Secretaria da Cultura do município e que contam com a participação daquela irmandade, com ênfase no festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* realizado desde o ano de 2005, sempre na primeira semana do mês de março.

Se a participação dos penitentes nos eventos referidos possibilita maior visibilidade para a irmandade, considerada pelos seus membros importante para a manutenção das suas atividades, em outro aspecto o grupo precisa adequar seus rituais às exigências daqueles que elaboram os convites à sua participação. Ainda assim, os penitentes não cedem a todas as imposições dos organizadores dos eventos dos quais participam conforme será visto adiante.

Dessa forma, os penitentes do Genezaré seguem vivenciando tensões entre as antigas práticas e às novas exigências, construindo continuamente representações de si, interpretando o passado à luz do presente e olhando o presente com leituras elaboradas a partir de experiências passadas. São negociações que tornam os dias atuais dos penitentes do Genezaré

semelhantes aos que tem vivido, por exemplo, os penitentes da Cruz do município de Barbalha, também no Cariri cearense.

DIALOGANDO COM O PODER PÚBLICO, OS PENITENTES DO GENEZARÉ SOBEM AOS PALCOS

Dois de março de 2006. O jornal *Diário do Nordeste* anunciava que naquela data teriam início as festividades alusivas aos noventa e seis anos de nascimento do poeta Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002) – o Patativa do Assaré – na sua terra natal. A diversificada programação contaria com “oficinas de teatro, cordéis, literatura popular, canto, desenho, pintura, artesanato e gastronomia”. A matéria enfatizava ainda que “O ponto alto das comemorações ocorreria no dia cinco, começando às cinco horas, com alvorada festiva tocada pela banda de música municipal de Assaré Mané de Benta.” O restante daquele dia, de acordo com a reportagem, contaria ainda com “Café da manhã para os familiares de Patativa e convidados na residência do poeta, missa de Ação de Graças, encontro dos grupos folclóricos, programas de rádio...” Finalmente, “visita dos penitentes do Genezaré ao túmulo de Patativa...”, além de “lançamento de livros, espetáculo e grande festa popular”².

O evento referido pelo jornal tem ocorrido com regularidade desde o ano de 2005 sempre na primeira semana de março, visto que o poeta homenageado nasceu em 05 de março de 1909. Trata-se do festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* que recebe razoável cobertura da imprensa regional e estadual. De fato, as atividades listadas pela matéria ocorrem ao longo dos dias do evento em diversos pontos das zonas urbana e rural do município.

De acordo com o Sr. Marcos Salmo Lima Barreto, o festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*, a um só tempo, enaltece a memória do poeta Antônio Gonçalves da Silva que tornou o seu município conhecido internacionalmente, visto que sua obra poética é estudada, por exemplo, na Universidade de Sorbonne na França, como também revela toda a diversidade cultural do município³.

² VICELMO, Antônio. Recital abre o aniversário de Patativa. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 02 mar. 2006. Cultura Popular. Disponível na internet em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=229830>> Acesso em 20 mar. 2011

³ Narrativa de Marcos Salmo Lima Barreto, servidor público municipal, 28 (vinte e oito) anos de idade, residente e domiciliado à Avenida Honório Vilanova, Bairro Vila Nildália, Assaré. Secretário Municipal da Cultura de Assaré entre janeiro de 2009 e abril de 2012. Entrevista concedida em julho de 2012.

Nesse sentido, ainda para o Sr. Marcos Salmo Lima Barreto, a ação de reconhecimento público *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense*, outro exemplo do modelo de gestão cultural adotado pelo Poder Público Municipal, veio atender a necessidade de reconhecimento que muitos “fazedores” de cultura do município sofriam. Dessa forma, a cada ano são realizadas breves pesquisas sobre alguns sujeitos que, de alguma forma, contribuem para manutenção e fruição de saberes e fazeres tidos por tradicionais e capazes de sugerir uma identidade assareense, mas que vincula o município a círculos maiores como o Estado do Ceará e o Brasil.

São poetas, repentistas, parteira, rezadeiras, representantes da culinária regional, mestre de tradições orais, mestra de lapinhas, tocadores de pífanos e pé-de-bode, doceiro, organizador de bailes de carnaval, escultor, dançarinos de maneiro-pau e de São Gonçalo, vaqueiros, dentre outros, que receberam ao longo dos últimos anos o seu diploma de Mestre ou Mestra.

Tanto o festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* quanto a ação de reconhecimento *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense* sugerem que o município de Assaré pratica modelos de políticas culturais semelhantes àqueles adotados pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará bem como pelo Ministério da Cultura.

Para Bezerra (2010) esses diálogos entre as políticas públicas culturais contemporâneas dos municípios e dos estados acontecem em círculos ainda mais amplos. De fato,

Tendo como base um contexto de redefinições em termos nacionais, o Estado do Ceará foi pioneiro no processo de criação de uma política pública voltada especificamente para a “valorização” de determinados indivíduos, considerados então detentores de conhecimentos e práticas imprescindíveis para continuidade histórica da cultura cearense. Divididos geograficamente entre as diversas regiões do Estado, tais sujeitos se inseriam genericamente num contexto de diversidade de saberes, fazeres e representações que iam desde práticas religiosas como a penitência, até expressões mais “coloridas e profanas” como o reisado de congo, por exemplo. (BEZERRA, 2010: 132)

Partindo do princípio que existe uma cultura específica relacionada a uma “cearensidade”, há que se trabalhar para sua preservação sob pena de prejuízos para a

identidade do povo cearense tal é o parâmetro adotado pela Secretaria de Estado da Cultura. Sendo assim,

Em 22 de agosto de 2003 foi criada a lei estadual que instituía o título de mestre da cultura tradicional no estado do Ceará, sendo 2004 o primeiro ano em que o título favoreceu doze representantes cearenses. Em um dos veículos comunicativos da Secretaria de Cultura do Estado [sic], encontramos a afirmativa de que o intuito de tal “valorização” era apoiar e preservar a memória cultural do nosso povo, transmitindo às gerações futuras o saber e a arte sobre as quais construímos a nossa história. (BEZERRA, 2010: 123)

Nesse cenário, com Assaré não poderia ser diferente. Interessa aqui perceber que os projetos e ações culturais desenvolvidos pelo poder público municipal afetam diretamente os indivíduos e grupos que desenvolvem atividades culturais dentro dos limites territoriais do município.

Primeiro dia do festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*. A Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Izabel na sede do município, ainda no início da tarde, começa a receber grupos culturais de diversos municípios do Ceará, com ênfase para aqueles localizados no Cariri cearense.

Grupos de reizados, caretas, maneiro-pau, quadrilhas juninas, grupos de capoeiristas, danças afro-indígenas, bandas de músicas municipais, bandas cabaçais, representantes dos projetos culturais patrocinados pelo poder público municipal são organizados em um cortejo que desfila pelas principais ruas da cidade até ao local onde encontra-se montado o palco principal do evento. À frente do desfile, os *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense*, homenageados a cada ano pelos “relevantes serviços prestados à cultura do município”, e algumas autoridades políticas municipais e do Estado.

Entre tantos sons, cores e performances distintas, os penitentes do Genezaré e outras irmandades semelhantes de municípios cearenses entoam seus benditos e realizam uma procissão diferente daquelas que lhes são mais costumeiras. O cortejo que inaugura anualmente o festival tem início ainda sob a luz do sol, aproximadamente às dezessete horas, e é sempre acompanhado por parte significativa da população local que observa atentamente o desfile das suas calçadas ou segue os grupos ao longo do trajeto de pouco menos de uma hora.

Chegando à praça pública em frente à matriz local consagrada à Nossa Senhora das Dores, no início da noite, os grupos que participam do cortejo fazem suas apresentações para os presentes que aguardam a chegada ou acompanham o desfile.

Entre uma apresentação de reisado, uma roda de capoeira e performances de bandas de músicas com seus instrumentos de sopro e percussivos, os penitentes sobem ao palco principal e entoam alguns benditos para o público bastante eclético presente naqueles instantes. Fazendo uso de aparelhagem sonora, iluminação e outros objetos semelhantes àqueles que serão utilizados nas horas seguintes daquela noite por grupos musicais responsáveis pela “grande festa popular” – leia-se, principalmente bandas do gênero musical denominado “fórró eletrônico” – anunciada por distintos meios de divulgação, os penitentes do Genezaré levam seus benditos a espaços há algumas décadas impensáveis para irmandades semelhantes.

Dessa forma, os corpos e sentidos dos penitentes familiarizados às peregrinações em noites pouco iluminadas em áreas rurais do seu município experimentam a espacialidade dos palcos e da praça pública. Para Tuan (1983), se o espaço é passível de cálculos e medições diversos, em outro sentido ele pode ser experienciado. Segundo o autor, “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Portanto, nessa relação com novos espaços destinados à sua participação, os penitentes do Genezaré criam “uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimentos e pensamento” (Tuan, 1983: 10), baseada nos estímulos que o espaço provoca, quer seja nos sentidos, quer seja convidando a emoções.

Nesse sentido, a Irmandade da Cruz, do município de Barbalha, também no Cariri cearense, desde os anos 1970 tem presença regular, por exemplo, na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio do seu município e o seu antigo decurião, o Mestre da Cultura do Estado do Ceará, Sr. Joaquim Mulato de Souza desfilou em carro alegórico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira no carnaval da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2006 (Bezerra, 2010)⁴.

⁴ Em relação à Festa do Pau da Bandeira de Barbalha ver: SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

Assim, os penitentes do Genezaré que, tantas vezes, “acham ruim se apresentar de dia” concedem que na abertura oficial do festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* estejam presentes no cortejo que ainda com a luz do sol começa seus movimentos pelas ruas da cidade. A partir dessas constatações algumas questões devem ser apontadas.

A PARTIR DE NOVOS DIÁLOGOS, OUTRAS SENSIBILIDADES

Seria precipitado, logo indevido, julgar que os penitentes sentem-se simplesmente coagidos a garantir sua participação nos eventos organizados pela administração pública municipal do seu município. De acordo com as narrativas dos penitentes do Genezaré, outras perspectivas podem ser vislumbradas conforme apontadas adiante.

Em primeiro lugar, o decurião Deca Pinheiro indica que a participação dos penitentes no evento pode garantir a visibilidade que a irmandade por ele liderada carece para dar continuidade às suas atividades e adquirir legitimidade na comunidade do Genezaré e no município em que atua. Ele analisa a participação do grupo no evento da seguinte maneira:

A irmandade hoje também participa das Festa de Patativa (Patativa do Assaré em Arte e Cultura). Já ta com treis ano que nós estamo participando dela. Porque é que nem eu falei com o padre Vileci [à época pároco em Assaré]... ele começou um sermão e falou que a irmandade não pode andar se apresentado assim em mei de praça. Nesse assunto que ele tocou eu achei que tocava a nós também. Mas aí eu disse a ele que nós tava entrosado dentro da cultura, porque quem descobriro os penitente foi a cultura, aí entonce prá nós aumentar o nosso nome, entonce quer dizer que nós fomo obrigado a entrar dentro da cultura também. Tamo dentro da cultura. É uma irmandade de evangelização, é visto, mas somo da cultura também. Aí ele achou bom... bem feito. A irmandade... nossa devoção é uma e a cultura é outra. Uma nós faiz lá na igreja e outra nós faiz lá no mei do tempo, lá na cultura. Acho que não tem diferença de uma prá otra de mudança de devoção. (Narrativa de José Pinheiro de Moraes, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade, conhecido como Deca Pinheiro, residente e domiciliado no Sítio Lama, município de Assaré. Entrevista concedida em janeiro de 2012).

Visto que sensibilidades podem ser compreendidas como “formas pelas quais os indivíduos e grupos se dão a perceber” (PESAVENTO, 2008: 57) ou, dito de maneira mais ampla, como os sujeitos representam “o mundo, o além, o outro, o animal, o vegetal, o humano”, apenas para citar alguns exemplos elencados por CORBIN (2005:16), tem-se na narrativa do decurião Deca Pinheiro uma das maneiras pelas quais os penitentes do Genezaré definem a si mesmos: um grupo de evangelização vinculado à Igreja Católica e uma

irmandade que negocia com o poder público a participação em eventos por este organizado porque “grupos da cultura”, no dizer do decurião dos penitentes do Genezaré.

Em um dos vários momentos na trajetória dos penitentes em Genezaré dos quais a igreja católica local manteve distância em relação às irmandades, o então Secretário Municipal de Educação, Cultura, Turismo e Desporto⁵, o Sr. Francisco Eugênio Costa Oliveira, tomou conhecimento da existência de penitentes no município e decidiu propor aproximações entre a gestão pública municipal e a única irmandade que restava das três anteriormente presentes no Genezaré.

A partir daquele momento a trajetória dos penitentes naquela parte do município pode ser melhor conhecida, o governo municipal passou a financiar as indumentárias do grupo e dois dos seus membros foram contemplados com o título de *Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense*, o decurião Deca Pinheiro e o reconhecido pelo grupo como segundo na hierarquia, o senhor Joaquim de Holanda Duarte, conhecido por Joaquim Camilo. A gestão pública municipal da cultura a partir do início dos anos 2000 começou a requisitar a presença dos penitentes em seus eventos regulares, sendo que o de maior visibilidade é o *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* já referido e assume o compromisso, nem sempre cumprido de fornecer transporte para os deslocamentos do grupo quando da sua participação em eventos realizados distantes do Genezaré.

Para Deca Pinheiro e alguns dos seus penitentes, esse “reconhecimento” e visibilidade experimentados pelo grupo são interpretados como uma “descoberta” dos penitentes que permaneciam com o campo de atuação restrito a uma parte específica da zona rural do município, visto que raramente saíam das imediações do Genezaré. A irmandade, portanto, entendeu que a permanência das atividades do grupo poderia ganhar um novo impulso a partir da relação dos penitentes com o poder público municipal principalmente atendendo aos convites para participações eventuais nas atividades que a “cultura” promove.

A resposta dada ao padre Vileci Vidal a partir da sua interpelação pelo decurião Deca Pinheiro sugere que a irmandade havia aceitado os argumentos em favor da ampliação das suas atividades para além dos limites dos espaços mais caracteristicamente religiosos. Ou

⁵ Criada pela Lei Complementar nº. 003/2005. A Secretaria Municipal da Cultura, Turismo, Desporto, Lazer e Recreação foi instituída apenas no ano de 2006 através da Lei Municipal 015/2006. Até aquele momento existia apenas uma Divisão de Cultura, Turismo e Desporto.

seja, o grupo poderia desenvolver atividades segundo as exigências da gestão pública municipal sem perder seu caráter “evangelizador”. A irmandade, para Deca Pinheiro, assumindo essa nova função não teria sua fé comprometida, afinal o que se fazia na igreja, para ele, não era o mesmo mostrado em praça pública. Portanto, a atuação dos penitentes em novos espaços não anula a eficácia dos seus rituais, segundo o decurião.

A participação dos penitentes do Genezaré nos eventos organizados pelo poder público municipal, é preciso que se diga, não significa que todas as exigências dos organizadores são ou serão aceitas. Em algumas negociações a irmandade impõe suas decisões. A ordem dos grupos durante o cortejo de abertura do *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*, por exemplo, não foi aceita algumas vezes pelos penitentes, conforme narra Deca Pinheiro:

A gente ia naquele grupo. Tem o primeiro grupo, tem o segundo grupo... a gente andava tudo um bolo, tudo misturado. Quando foi prá essa derradeira, prá festa de Patativa [Patativa do Assaré em Arte e Cultura], nós fizemo o seguinte: eu convidei um companheiro que é Joaquim [Camilo] que é a primeira pessoa [depois dele, decurião], “ – Nós vamo ficar apartado. Nós vamo dexar esses grupo de mateu [referência aos grupos de caretas], de reisado, de capoeira, essas coisa nós vamo dexar prá frente e nós vamo ficar prá trás mais a banda [de música municipal Manoel de Benta]”. Aí ficou assim. Mas que pelo comum nós é prá ir primeiramente, na frente encostado na procissão, mas a banda ficou lá atrás, a derradeira de toda. Aí nós prá não ficar no meio daquele chamego – cê sabe – que o grupo de reisado, de mateu, de careta é diferente do nosso aí eu achei que não dava certo. (Narrativa de José Pinheiro de Moraes, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade, conhecido como Deca Pinheiro, residente e domiciliado no Sítio Lama, município de Assaré. Entrevista concedida em janeiro de 2012).

Ainda que um pouco contrariado por o grupo não ocupar a prioridade no cortejo, Deca Pinheiro impõe sua vontade de não ter a irmandade na proximidade desconfortável para ele dos grupos considerados diferentes dos penitentes. Portanto, a irmandade abandona o lugar predeterminado pela organização do evento e vai se refugiar nos últimos lugares do cortejo, próximo das bandas de música com seus uniformes mais sóbrios e movimentos menos largos se comparados, por exemplo, às performances dos grupos de reisado.

Em outro momento, ainda durante uma das apresentações dos penitentes no *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*, a desobediência às normas do evento promovida pela irmandade provocou um desconforto no público e nos organizadores.

Nóis não cantamo bendito no palco [em um dos anos do festival], porque ainda não procuraro [ininteligível]. Porque quando você vai receber aquele certificado [título de Mestre dos Saberes e Fazeres da Cultura Popular Assareense] o espaço [tempo] era pouco. Só no primêro ano que nós fizemo a participação [presenciei o grupo cantando seus benditos no palco em 2009]. O Eugênio [então Secretário de Municipal da Cultura] disse: “Voceis vão agora lá pro pé-do-palco. Quando chegar a veiz de voceis, voceis sobe, ai voceis vão fazer a representação de voceis”. Ai nós fizemo. Foi a primêra vez. Subimo no palco, cada qual pegou seu microfone. Ai eu não quis. “ – Eu vou pro meu trabalho”. Ai eu fui e falei pro Eugênio: “ – Eugênio, cê vai me dá licença prá eu fazer minha representação. Porque a minha representação é representar o povo o que é o meu trabalho. Porque eu não tenho uma sanfona, eu não tenho um violão, eu não tenho uma guitarra, meu negoço é um cacho [disciplina] e trabalhar. Ai ele disse: “ – É, mais tenha cuidado aí prá não fazer sangue e melá o tapete”. “ – Não. Eu vou fazê só um sinalzim, poquim”. Ai de certo que os meninos começaro a cantar os bendito e eu comecei a me cortar [autoflagelar]. Ai eu senti aquela quentura aqui na buchecha da bunda. Ai o sangue começou a descer e começou a pingar assim no tapete. Ai ele [Eugênio] chegou... mandou... o reporte chegou... aí terminaro o bendito, aí eu fiquei encostado do reporte, tava entrevistando eles aí me entrevistou. Ai ele [repórter] vei logo prá onde eu tava e foi logo falando: “ – Sua nota é deiz”. Ai eu disse: “ – Muito obrigado”. “ – [Repórter] Porque feiz uma representação bunita, bem feita”. “ – [Deca Pinheiro] Minha representação é essa. É mostrar o que eu sei fazer”. Ai ele [repórter] feiz a entrevista, descemo lá da escada prá baxo, o povo queria me levar logo pro hospital, prá fazê logo um curativo [risos]. Ai eu disse: “ – Não, Eugênio. Quem cura aqui é Deus. É a fé que a gente tem”. “ – [Eugênio] Nada. Mas se amanhecer muito inflamado?”. “ – [Deca Pinheiro] Não. Inflama não. Eu tenho fé em Deus que não inflama não”. (Narrativa de José Pinheiro de Moraes, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade, conhecido como Deca Pinheiro, residente e domiciliado no Sítio Lama, município de Assaré. Entrevista concedida em janeiro de 2012).

Palco principal do *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*. Os relógios ainda não haviam marcado vinte e duas horas. Deca Pinheiro sobe a escada que dava acesso ao tablado das apresentações com seus penitentes, organiza os irmãos em dois semicírculos de acordo com as primeiras e segundas vozes utilizadas no canto dos benditos. Cada um dos penitentes recebe o seu microfone e Deca Pinheiro recusa aquele recurso; ele não considera a si um artista, é um penitente e suas habilidades performáticas são investidas em outra atividade. Dessa forma, uma tensão inicial se estabelece.

Era a primeira participação dos penitentes naquele evento. Alguma desconfiança surgiu. Poucos imaginavam o que viria na sequência. Deca Pinheiro indicou que seu instrumento era o conjunto de três lâminas unidas por uma das extremidades por uma peça de couro de aproximadamente 15 cm (quinze centímetros) de comprimento, denominado cacho da disciplina, cacho ou simplesmente disciplina, utilizada para no ritual de autoflagelo e que

logo seria usado. A permissão adquirida foi apenas parcial: o tapete, provavelmente adquirido por empréstimo pela produção do evento, não poderia ser maculado pelo sangue do penitente. A desobediência foi imediata e o público presenciou uma cena capaz de provocar preocupações em muito dos que ali se encontravam. Era a primeira vez que a maioria dos presentes assistia um ritual de autoflagelo. A tensão chega ao seu ápice: para a assistência atônita o quadro era grave e carecia de cuidados médicos, para o penitente crédulo, a fé em Deus dispensava o cuidado dos homens.

Até aqui foi mencionado algumas vezes a noção de *performance*. Com base no parágrafo acima e na narrativa imediatamente anterior, faz-se necessário indicar uma dupla designação da noção de acordo com Zumthor (2007).

Para o autor, o termo *performance* é “relativo, por um lado às condições de expressão, e da percepção”, ele continua: “por outro, *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente.” Finalmente, “A palavra significa a presença concreta de participantes nessa ato de maneira imediata.” (Zumthor, 2007: 50).

Refletindo acerca da participação dos penitentes do Genezaré no festival *Patativa do Assaré em Arte e Cultura* acima referida, percebe-se a dimensão performática da atuação do grupo que impacta, na sua qualidade de *performance*, a assistência de muitas maneiras chegando a provocar preocupação com as condições de saúde do autoflagelante após a utilização das lâminas cortantes.

Dessa forma, classificar a assistência como parte da ação performática não implica dizer que exista sempre concordância do público com aquilo que é encenado. Deve ser levado em conta a dimensão histórica dos grupos envolvidos, pois, bem afirma Corbin (2005: 17), “De certa forma, os indivíduos que vivem em um mesmo período não são contemporâneos.”

Pelo exposto, o consentimento dos penitentes do Genezaré em fazer parte dos diversos grupos que integram eventos culturais organizados pelo poder público municipal não sugere posturas passivas em troca de novos espaços para encenação dos seus rituais. A presença da irmandade nas programações referidas tem revelado a indisposição do grupo para aceitar todas as normas impostas pela organização.

Em destaque agora, o último dia do *Patativa do Assaré em Arte e Cultura*. Cinco de março, data anunciada pelo jornal na qual os penitentes do Genezaré realizariam a visita ao

túmulo do poeta morto em 2002 e lá rezariam o *terço das almas*, também conhecido como *terço do repouso eterno*. De fato, o encerramento do evento dá-se com a Missa de Ação de Graças e a programação impressa e distribuída por diversos meios midiáticos informa a participação dos penitentes tal qual divulgado na matéria do jornal *Diário do Nordeste* mencionada anteriormente.

Entretanto, os penitentes logo descobriram que a agenda de um evento é suscetível de inumeráveis contratempos. Algumas das atividades divulgadas e dadas como certas de acontecer podem mesmo não serem realizadas. Dirigindo-se ao Cemitério São João Batista no centro da cidade, qual não foi a surpresa dos penitentes: “Nóis fomo fazê visita de cova [no túmulo de Patativa], mas chegamo lá o cemitéro tava fechado”, lamentou Deca Pinheiro enquanto fazia planos para o ano que era iniciado, “Aí não deu certo a gente fazê. Foi naquele dia que a gente foi lá prá igreja de São Francisco [sede do município]. O cemitéro tava fechado, aí não deu certo a gente fazê”. (Narrativa de José Pinheiro de Moraes, agricultor aposentado, 76 (setenta e seis) anos de idade, conhecido como Deca Pinheiro, residente e domiciliado no Sítio Lama, município de Assaré. Entrevista concedida em janeiro de 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pode ser percebido que de acordo com as possibilidades e/ou exigências que a frequência a novos espaços destinados aos rituais encerram, os penitentes do Genezaré são levados a ressignificar as suas práticas. Assim, se os rituais indicam a presença de uma memória social (Fentress; Wickham, 1992), presente nas performances do grupo (Connerton, 1999), existe algo de reinvenção e atualização contínua nas suas encenações que revelam a sua inscrição nas invenções do presente.

Em outro sentido, os diálogos dos penitentes com as diversas esferas do poder público, principalmente a partir da implementação de novos modelos de políticas para a cultura, indica que as irmandades experienciam novas situações, em outros tempos impensáveis ou improváveis para tais grupos, capazes de estimular a recriação da realidade através dos novos dados sobre os quais atuam (Tuan, 1983).

Finalmente, se os penitentes do Genezaré a partir das novas experiências reinventam a realidade, por outro lado, essa nova realidade possui ligação com novas “representações de si” e do outro, portanto sensibilidades, que a irmandade tem construído.

Já se vão distantes os primeiros anos das irmandades no município de Assaré, dos quais os penitentes falam como um tempo de marginalização das suas crenças e práticas e a encenação dos seus rituais ocorria em lugares ermos e sob a guarda da escuridão das noites. Sob os olhos do presente, o corpo ainda destinado ao autosacrifício, mas sob novos estímulos, reinventa-se e deixa suas marcas nos objetos e espaços públicos de forma ousada. E, os penitentes dizem de si “somos da cultura” e “somos evangelizadores”, dialogamos com duas instituições de poder porque somos parte de ambas, mas não concordamos ou agimos sempre de acordo com as suas sugestões. O padre ouviu um contra-argumento e foi convencido, os penitentes foram às ruas sob a luz do sol e o sangue manchou o tapete alvo da preocupação do gestor público.

Enquanto isso, para o Sr. Joaquim Camilo classifica o atual momento das irmandades de penitentes do Cariri cearense em geral, e a fase vivenciada pelos penitentes do Genezaré especificamente: “ Até parece que hoje a gente faiz só uma pequena representação do que era na época do meu pai”. (Narrativa de Joaquim de Holanda Duarte, agricultor aposentado, 64 (sessenta e quatro) anos de idade, conhecido como Joaquim Camilo, residente e domiciliado no Sítio Cacimba do Mel, município de Assaré. Entrevista concedida em abril de 2010). Portanto, em um mesmo grupo podem ser encontradas distintas sensibilidades e as tensões internas se tornam visíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz = Barbalha/Ce. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. (Dissertação de Mestrado em História)

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1999.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social** – Novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema. 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção História &... Reflexões, 5)

SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.